

## Teatro experimental do negro: implicações para as políticas públicas raciais

Rosângela Fonseca do Nascimento<sup>1</sup>

Eliana Póvoas Pereira Estrela Brito<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo problematiza algumas dimensões políticas presentes no Teatro Experimental do Negro (Abdias do Nascimento) que são compreendidos como eixos centrais na organização de cursos, pesquisas, seminários, conferências e congressos para destacar, nesses dispositivos pedagógicos, o caráter formativo e integrador do conjunto das atividades desenvolvidas pelo TEN e seu projeto político e ideológico antirracista. O objetivo da análise realizada é o de mostrar que, embora, Abdias do Nascimento seja um intelectual negro pouco conhecido entre os estudiosos que trabalham com as relações étnico-raciais no Brasil, seu pensamento-resistência pode ser considerado como um ponto de inflexão frente a cultura dominante que predominava à época em viveu e lutou. Seus ensinamentos podem contribuir com micropolíticas voltadas ao enfrentamento do racismo institucional tão denunciado nos dias de hoje e tão silenciado no período de criação do TEN.

**PALAVRAS-CHAVE:** políticas públicas raciais; teatro experimental do negro; racismo institucional.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais – Universidade Federal do Sul da Bahia. E-mail - [rosangeladepartamento@gmail.com](mailto:rosangeladepartamento@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais – Campus Sosígenes Costa – Porto Seguro (PPGER/UFSB) e do Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade da Universidade Federal do Sul da Bahia (PPGES/UFSB). Email: [elianapovoas.pqger@gmail.com](mailto:elianapovoas.pqger@gmail.com) ou [epovoas@ufsb.edu.br](mailto:epovoas@ufsb.edu.br)

## 1- O TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO: QUANDO A COR ESCAPA DA COXIA

No Brasil das primeiras décadas do século XX, a mestiçagem era estimulada e encorajada por intermédio de políticas públicas pensadas para que a “mistura racial” causasse o embranquecimento da população como forma de o país avançar rumo ao histórico progresso social e econômico que até hoje persegue os ideais políticos de muitos dos governantes. O cuidado para que a raça negra não causasse a temível degeneração dos brancos afetando a sua suposta superioridade, marcada tanto no fenótipo (sobretudo na cor da pele), como na posição social, resultou no fortalecimento da ideologia do embranquecimento racial que ascendeu no pensamento brasileiro, em especial, com o fim do sistema escravista e com a necessidade de criar uma identidade nacional para o Brasil<sup>3</sup>.

Como transformar negros e indígenas em raças constitutivas da nacionalidade brasileira tornou-se uma problemática presente e recorrente nas pautas governamentais voltadas ao futuro político, social e econômico de uma pretensa nação recém-saída da escravidão e que necessitava de mão de obra assalariada. Nesse cenário surge Abdias Nascimento e sua luta contra a discriminação racial no Brasil. Ao criar um espaço cênico protagonizado pelos negros rompeu com a prática comumente utilizada na qual o lugar do negro e seu papel nos jogos teatrais era ocupado/protagonizado pelo branco “caiado” de preto.

Até os anos 1950, no Brasil, o negro era quase sempre assim: olhos baixos, andar pesado, “curvado da melanina”, como retratou um certo chiste racista; ou descarregando sua revolta em pedradas inconseqüentes. Até que veio Abdias, por trilhos tortuosos, conduzindo o comboio e o sonho do Teatro Experimental do Negro (TEN). (LOPES, N. *apud* SEMOG; NASCIMENTO, 2006, p.10).

Quando criou o Teatro Experimental do Negro<sup>4</sup> (TEN), Abdias Nascimento tinha como principal objetivo combater o racismo e reivindicar o reconhecimento de uma identidade negra, tendo no teatro, nas aulas de alfabetização e iniciação cultural, os principais dispositivos educativos e de construção identitária. No contexto das décadas de 1940 e 1950, o Brasil vivia um período de redemocratização<sup>5</sup> da sociedade. Nesse contexto, ao mesmo

---

<sup>3</sup> As questões que envolvem a criação da identidade nacional se correlacionam com a ideia do nacionalismo que surge entre os grupos políticos, tecnocratas e militares, que buscavam uma estratégia estatal capaz de enfrentar os crônicos problemas do desenvolvimento do Brasil. (Cunha, 1989).

<sup>4</sup> Pelo uso recorrente e já habitual na literatura que trabalha com o Teatro Experimental do Negro de Abdias do Nascimento, utilizaremos sua forma abreviada: TEN.

<sup>5</sup> Referimo-nos aqui ao fim do chamado “Estado Novo” e, posterior, retorno do voto popular para as eleições presidenciais, estaduais e municipais no Brasil. Por efeito, a vida política e cultural do país passa por um período de efervescência, em especial, pela participação dos

tempo em que o TEN encontrou um terreno fértil para expor suas reivindicações; dar visibilidade pública às questões raciais gerou uma certa polêmica, pois o mote da 'democracia racial' fazia parte do imaginário da sociedade brasileira e o 'mestiço' representava o símbolo da brasilidade. Dessa forma, naquela época era difícil reivindicar políticas públicas voltadas às questões raciais, como, aliás, tem sido uma luta até hoje.

Passados mais de setenta anos de sua criação, o TEN continua atualíssimo, entretanto, a sua história ainda é pouco conhecida na memória intelectual e artística do país, mesmo sendo o TEN uma experiência ambiciosa que nos permite até hoje aplicar os seus conceitos em oficinas teatrais e outras atividades formativas com jovens negros da periferia.

O Teatro Experimental do Negro nunca atingiu a importância social que pretendia em seu tempo. Mas, em termos de história do teatro, constituiu-se como uma iniciativa de vanguarda que mobilizou a produção de novos textos, propiciou o surgimento de novos atores, como por exemplo, Grande Otelo, Rute de Souza, dentre outros. Igualmente influenciou novos grupos como O Bando de Teatro Olodum e semeou uma discussão que permaneceria em aberto: a questão da ausência do negro na dramaturgia e nos palcos de um país mestiço, de maioria negra. Sua atuação se baseou no desenvolvimento simultâneo de diferentes níveis de atividades, não apenas na encenação teatral em si, mas, como afirma o próprio Abdias, “quando fundamos o Teatro Experimental do Negro, ficou desde logo estabelecido que o espetáculo, a pura representação, seria coisa secundária” (SEMOG, NASCIMENTO, 2006, p122.)

Dito isso, o presente artigo traz como desafio problematizar algumas dimensões políticas do TEN, compreendidos como eixos centrais na organização de cursos, pesquisas, seminários, conferências e congressos, para destacar, nesses dispositivos pedagógicos, o caráter formativo e integrador do conjunto das atividades desenvolvidas pelo TEN e seu projeto político e ideológico. Para tanto, analisamos alguns discursos de Abdias do Nascimento presentes na obra: *Abdias Nascimento - o Griot e as muralhas*, um relato autobiográfico do negro-vida Abdias Nascimento, escrito em parceria com o poeta Éle Semog (2006). O objetivo é o de mostrar que, embora, Abdias do Nascimento seja um intelectual negro pouco conhecido entre os estudos que trabalham com as relações étnico-raciais no Brasil, seu pensamento-resistência pode ser considerado como um ponto de inflexão frente a cultura dominante que predominava à época em viveu e lutou contra o racismo institucional tão denunciado nos dias de hoje e igualmente tão silenciado no período de criação do TEN.

---

partidos políticos que se organizam para enfrentar as disputas no âmbito federal, estadual e municipal.

Temos consciência que, em termos de sociedade brasileira, muitas conquistas foram feitas a partir dos movimentos sociais, com especial relevância, aos movimentos negros no tocante ao avanço que conquistamos relativos as políticas raciais. No entanto, não basta que a temática racial tenha entrado na agenda das políticas públicas de âmbito federal para que possamos combater de forma mais radical a institucionalização do racismo no Brasil. Apoiadas em autores dedicados aos estudos sobre os movimentos percorridos pelas políticas públicas (BALL (2014); MAINARDES; MARCONDES (2009), dentre outros) da concepção à implantação nos cotidianos das instituições sociais, sabemos a importância do protagonismo exercidos pelos sujeitos nos processos de consolidação das políticas públicas para as instituições sociais.

Stephen Ball (2001) quando propõe o ciclo de políticas enquanto metodologia para pesquisas na área das políticas educacionais, afirma que a maior parte das políticas “são frágeis, produto de acordos, algo que pode ou não funcionar; elas são retrabalhadas, aperfeiçoadas, ensaiadas, crivadas de nuances e moduladas através de complexos processos de influência, produção e disseminação de textos e, em última análise, recriadas nos contextos da prática” (BALL, 2001, p. 102). Isso nos leva a pensar na importância das micropolíticas para o efetivo enfrentamento do racismo institucional.

Para os autores, a negação do racismo no Brasil e a afirmação de que existia uma democracia racial no país, encontra-se assim refletida na referida obra:

É claro que, para os beneficiários do racismo, é muito incômodo que nós mexamos nas estruturas racistas da sociedade brasileira, às quais não são de hoje, mas vêm desde 1500. Elas se transformam, se modificam, se enriquecem, muda de tática e estratégia, mas a estrutura do racismo permanece a mesma coisa, desde o tempo da escravidão até hoje. Ela tem feito concessões, como uma manobra para se recuperar depois, mas sempre é assim. Vêm todas aquelas leis que antecederam a abolição da escravatura? Foram grandes manobras, até a manobra da lei da Abolição. E essa grande manobra é simplesmente uma estratégia de genocídio. (SEMOG; NASCIMENTO, 2006, p124).

Refazendo-se o percurso histórico do TEN, desenha-se um universo cultural e simbólico que pode ser lançado como alternativa à situação existencial, política e social do negro no Brasil atualmente. Nesse sentido, o Teatro Experimental do Negro, abriu caminho para a reinvenção do significado de cultura para negros e afro-descendentes que tiveram sua cultura aviltada por uma cultura branca pelos movimentos diaspóricos. Desse modo “o conceito ocidental de cultura tem um efeito de poder de ser a verdade universal” (SODRÉ, 2005, p.09) que de todas as formas tentou transformar o homem negro em um universal, um corpo sem mente, existindo, mas, não vivendo. Afinal “As classes dirigentes adoram inventar palavras, nas quais terminam acreditando” (NIETZSCHE, 1964, p.32). Ou seja, por trás de cada uma dessas “invenções” há ideias que servem como peças estratégicas para colocar em

funcionamento as relações sociais em determinados momentos históricos. Nas palavras de Sodré:

É difícil encontrar uma palavra idéia moderna que não conte em sua história milhares de mortos, ou que não deixe transparecer em seus produtos traços de destruição de outras organizações étnicas ou simbólicas – o genocídio se faz alternar por “semicídios” (SODRÉ, 2005, p.07).

As classes dirigentes, juntamente com algumas correntes científicas do início do século XX, colocaram em circulação um conjunto de verdades que contribuíram para que a sociedade acreditasse na ideia de que o negro era uma raça inferior. Ou, na compreensão de Foucault (1999) trata-se de racismo biológico: “a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura” (FOUCAULT, 1999 p. 305). Nesse sentido, a primeira denúncia do TEN, foi à impostura dos chamados estudos sobre o negro. O Teatro Experimental do Negro foi o primeiro a denunciar a alienação da antropologia e da sociologia nacional, focalizando a gente de cor à luz do pitoresco ou da “pureza” histórica, como se tratasse de um elemento estático ou mumificado. (GUERREIRO *apud* NASCIMENTO, 1979, p.29).

Assim, o TEN desde sua fundação em 1944, procurou restaurar e valorizar a contribuição dos africanos à formação brasileira, desmascarando a ideologia de brancura, vigente na época (e poderia se dizer, até hoje), fazendo com que o negro fosse preterido tanto na dramaturgia quanto na sociedade.

Essa idéia tem a ver com as elaborações foucaultianas sobre o racismo de Estado:

(...) Racismo de Estado: um racismo que uma sociedade vai exercer sobre ela mesma, sobre seus próprios elementos, sobre os seus próprios produtos; um racismo interno, o da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social (FOUCAULT, 1999, p. 73).

Nessa perspectiva, foi por conta do poder desse racismo estatal que, segundo Abdias, o TEN não conseguiu sobreviver, na medida em que foi vítima de ações sistemáticas, sutis, mas, insidiosas contra o TEM e a qualquer movimento que tentasse desnudar a realidade do preconceito racial contra o negro no Brasil. O Teatro do Negro de Abdias do Nascimento foi um espaço para se pensar em políticas públicas voltadas para as questões do negro, em um tempo em que não havia espaços de enunciação para denúncias contra o racismo e reivindicação de políticas pensadas a partir das demandas raciais. Nesse sentido, Abdias do Nascimento foi um precursor criando o TEN, como um espaço para se pensar e propor políticas raciais.

## 2 – O TEN E ABDIAS NASCIMENTO: HISTÓRIAS QUE SE FUNDEM

Contar a história do TEN – Teatro Experimental do Negro é também contar a história de um dos seus principais criadores, o senador e militante das causas negras, Abdias do Nascimento. Estas duas narrativas, a do criador e a da criatura se misturam, se entrecruzam, se fundem, nos levando a afirmar que são histórias que se con-fundem, realizadas/contadas a uma só voz. Bom argumento é o explicitado pelo próprio Abdiasdo Nascimento, em entrevista concedida à Cristine Douxami (2001, p.317): “na realidade, não existia nenhuma peça onde o negro pudesse aparecer, a não ser como neguinho engraçado, numa peça de Martins Pena, por exemplo”.

Abdias do Nascimento, desde pequeno, sentiu na pele a dor do preconceito racial, assim como a maioria dos negros de sua época. E, desde muito cedo, começou a sua luta para combater o racismo. Tornou-se militante das causas políticas e arguto observador da realidade brasileira. Nesse sentido, um fato ocorrido em sua meninice contribuiu para o despertar de sua consciência com relação à situação do negro na sociedade brasileira:

Há um fato da infância que até hoje permanece vivo na minha memória. Havia um garoto preto e órfão, meu colega de escola, mais pobre do que nós éramos. Certa feita, uma vizinha branca se encontrava dando uma surra no menino (nem me lembro por que); isto se passava na rua, defronte de nossa casa. Minha mãe, sempre tão doce e calma, encheu-se de fúria inesperada, correu em defesa do moleque. Esta cena marcou o começo da minha consciência sobre a realidade da situação do negro no Brasil. Aquela atitude de minha mãe foi, de fato, uma lição formidável que jamais esquecerei.” (NASCIMENTO, 2006: 51)

Podemos dizer que esta cena determinaria, desde muito cedo, a luta que Abdias iria travar durante toda a sua vida contra o preconceito racial e as injustiças enfrentadas pelo povo negro. O autor conta que ao fazer uma viagem à cidade de Lima, capital do Peru, foi assistir a uma peça teatral, na qual havia um ator branco tingido de preto. Este ator encenava o papel principal. Indignado por ver atores brancos caiados de negros, Abdias do Nascimento toma pra si uma grande decisão: ao voltar ao Brasil criaria um teatro voltado ao resgate dos valores do negro e da cultura negro-africana, negados pela sociedade à época. Vamos escutá-lo:

Naquela noite em Lima, essa constatação melancólica exigiu de mim uma resolução no sentido de fazer alguma coisa para ajudar a erradicar o absurdo que isso significava para o negro e os prejuízos de ordem cultural para o meu país. Ao fim do espetáculo, tinha chegado a uma determinação: no meu regresso ao Brasil, criaria um organismo teatral aberto ao protagonismo do negro, onde ele ascendesse da condição adjetiva e folclórica para a de sujeito e herói das histórias que representasse. Antes de uma reivindicação ou um protesto, compreendi a mudança pretendida na minha ação futura como a defesa da verdade cultural do Brasil e uma contribuição ao

humanismo que respeita todos os homens e as diversas culturas com suas respectivas essencialidades. (NASCIMENTO, 2004, p. 01).

De volta ao Brasil, Abdias é preso e na prisão cria o Teatro Penitenciário. Após ser solto, junta-se a outros intelectuais, como Aguinaldo de Oliveira de Camargo, o pintor Wilson Tibério, Teodorico dos Santos, José Herbel e Claudiano Filho, e, em 1944, no Rio de Janeiro, criam o Teatro Experimental do Negro, objetivando mudar o cenário teatral brasileiro e provocar uma série de discussões em torno dos problemas sofridos pelo negro numa sociedade que pregava o “mito da democracia racial”.

Por conta de sua luta na década de 1960, com o endurecimento do regime militar, e a repressão instituída pelo AI-5, o criador do TEN foi obrigado a deixar o país e se exilar nos Estados Unidos a convite do movimento negro estadunidense. Em terras americanas, permaneceu durante treze anos, voltando ao Brasil, na década de 1980, depois da anistia. Naquele momento histórico, a vida política do país começa a passar por mudanças e o professor Abdias do Nascimento entra no cenário político da época e filia-se ao então Partido Democrático Trabalhista (PDT), que tinha como figura exponencial, Leonel Brizola, e, no PDT, cria a Secretaria do Movimento Negro com a missão específica de entregar aos próprios negros o trato das questões relativas à população afro-brasileira (SEMOG, ABDIAS, p 176).

A luta pela conquista de políticas públicas para população negra, levou Abdias do Nascimento a propor o quilombismo “que busca nas raízes da experiência histórica de luta específica dos africanos nas Américas, e particularmente no Brasil” (SEMOG, ABDIAS, p 176). Segundo esse autor, o quilombismo se constitui em,

uma proposta política para a nação brasileira, e não apenas para os negros: um Estado voltado para convivência igualitária de todos os componentes de nossa população, preservando-se e respeitando-se as diversas identidades, bem como a pluralidade de matrizes culturais. A construção de uma verdadeira democracia, passa obrigatoriamente, pelo multiculturalismo e pela efetiva implantação de políticas compensatórias ou de ação afirmativa para possibilitar a construção de uma cidadania plena para todos os grupos discriminados. (SEMOG, ABDIAS, p 175).

Acompanhando o pensamento do autor, pode-se dizer que a cultura negra não pode se render ao conceito de cultura hegemônica eurocêntrica e única, tal como se teorizava naquela época. Aqui, o pensamento de Abdias do Nascimento se aproxima da compreensão do teórico cultural Stuart Hall, quando afirma:

A cultura popular é constituída por tradições e práticas culturais populares e pela forma como estas se processam em tensão permanente com a cultura hegemônica. Nesse sentido, ela não se resume à tradição e ao folclore, nem ao que mais se consome ou

vende; não se define por seu conteúdo, nem por qualquer espécie de "programa político popular" preexistente. Sua importância reside em ser um terreno de luta pelo poder, de consentimento e resistência populares, abarcando, assim, elementos da cultura de massa, da cultura tradicional e das práticas contemporâneas de produção e consumo culturais (HALL, 2003, p.43).

Em poucas palavras, a noção de cultura não pode ser pensada na perspectiva da unidade homogênea, como se houvesse apenas a cultura. A compreensão de culturas no plural e pluralizadas por movimentos que desterritorializam e buscam outras formas e espaços possíveis de construir significados sociais, permite-nos também problematizar a ideia de negro como categoria única, como se todos os negros tivessem a mesma cultura, as mesmas demandas, as mesmas expectativas de vida.

### **3- A ENTRADA DA MULHER NEGRA NA VISIBILIDADE POLÍTICA BRASILEIRA**

Outra bandeira de luta do TEN, presente desde a década de 1990, depois defendida pelo então senador Abdias do Nascimento, diz respeito às reivindicações da mulher negra. Segundo o autor, o Teatro Experimental do Negro veio para contestar e, se possível, superar a repugnante falta de respeito com a mulher negra que, historicamente, sofreu com o estereótipo da mulata como objeto sexual, como uma espécie de carne à venda. Para que houve uma tomada de consciência, era oferecido aos homens e às mulheres negros/negras integrantes do curso de alfabetização, treinamentos dramáticos e de cultura geral. Nessa perspectiva, o que se buscava era direcionar um trabalho profundo em defesa e promoção dos valores culturais e valorização da mulher negra, buscando contribuir com estratégias voltadas ao enfrentamento das violências contra as mulheres negras.

Nessa perspectiva, Abdias do Nascimento desprezando a compreensão dominante de cultural no ocidente, produziu a peça teatral: *Sortilégio II* fundamentando-se numa lógica cultural em que diferentes signos e simbologias permitia um outro olhar sobre a cultura afro-brasileira e sobre a mulher negra. Nessa obra teatral, através de personagens negras (mulheres) é apresentado a problemática enfrentada pelas mulheres negras e os submetimentos a elas impostos. A peça questiona o racismo institucional da época (e de hoje) apoiado pelo poder vigente, chamado por Foucault (1999) de racismo do Estado, ou seja:

A especificidade do racismo moderno, o que faz sua especificidade, não está ligado a mentalidade, a ideologia, a mentiras do poder. Está ligado a técnica do poder, à tecnologia do poder. Está ligado a isto que nos coloca, longe da guerra das raças e dessa inteligibilidade da história, num mecanismo que permite ao biopoder exercer-se. Portanto, o racismo é ligado ao funcionamento de um Estado que é obrigado a utilizar a raça, a eliminação das raças a purificação da raça para exercer seu poder soberano. A justaposição, ou melhor, o



funcionamento, através do biopoder, do velho poder soberano do direito de morte implica o funcionamento, a introdução e a ativação do racismo. E aí creio eu, que efetivamente ele se enraíza. (FOUCAULT, 1999, p 309)

Na esteira dessa compreensão, os conceitos de poder soberano e de biopoder, desenvolvidos por Foucault em suas pesquisas, são empregados para legitimar uma determinada posição frente a um indivíduo ou à população, posição que sempre implica em vida e/ou morte. Segundo Foucault (1999), o elemento aglutinador que permitiu que esses dois conceitos representassem, a uma só vez, o mesmo objetivo foi o racismo. Foucault não se refere ao racismo como comumente o entendemos, o qual pode ser resumido como ódio pelo outro, mas, acima de tudo, como uma espécie de justificativa científica para permitir o domínio de alguns sobre outros e a utilização dessas formas de poder sobre os mais fracos. E foi contra esse racismo que Abdias do Nascimento lutou durante sua vida inteira.

Para Elisa Larkin (2003, p.281), co-fundadora do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros – IPEAFRO, em *O Sortilégio da Cor*, o TEN marcou a vida cultural e política ao “colocar em cena”, tanto no âmbito do teatro quanto no espaço mais geral da sociedade de forma mais ampla, a identidade afro-brasileira e principalmente o protagonismo da mulher negra. Essa pesquisadora afirma que o trabalho de Abdias se insere na tendência de politização da cultura e de crítica à noção vigente de identidade nacional e contra o racismo institucionalizado. O TEN para o Abdias estava além do teatro, era uma escola, com uma nova concepção cultural e estética, onde a beleza da mulher negra era exaltada, porém não vulgarizada e até mesmo comercializada. Nas palavras do próprio Abdias:

(...)Não era um experimento para ver se o sujeito tinha vocação para ator; nós queríamos era mexer com a concepção de teatro, de dramaturgia. Porque o negro não comparecia na dramaturgia brasileira, a não ser naqueles papéis clássicos de pitorescos e de balançar o traseiro. A experiência a que me refiro está nesse sentido: não somente numa procura permanente de formas afro-brasileiras de expressão teatral, como também de uma dramaturgia nossa. (SEMOG, NASCIMENTO, 2006, p. 142).

Assim, o professor, dramaturgo, artista e ativista político Abdias que, foi deputado na década 1980, e, na década de 1990, foi senador, e foi nesse lugar político que, em 1997, ele faz um discurso memorável no dia internacional da mulher em defesa de políticas públicas e ações afirmativas que incluíssem a mulher negra. Diz ele:

No caso específico do Brasil, embora muito ainda reste ser feito, é visível o crescimento não apenas quantitativo, mas também qualitativo – da participação feminina em todos os setores da sociedade. Em especial aqueles que, até a pouco tempo atrás, essa participação era explícita ou implicitamente vedada. Motoristas, garis, gerentes, empresários, prefeitas, senadoras, mulheres de toda

origem e qualificação ingressam e triunfam cada vez mais em áreas vistas como verdadeiras reservas de mercado masculinas, demonstrando sua capacidade e derrubando estereótipos seculares. Duramente conquistadas, essas novas oportunidades não se distribuem de maneira igualitária, do ponto de vista racial. Dados estatísticos do IBGE- oficiais, portanto, - aponta a existência de um fosso a separar mulheres brancas e negras (ou pretas e “pardas”, como prefere o IBGE), situação que se repete para todos os chamados indicadores sociais, salários, escolaridade, mortalidade infantil, expectativa de vida e etc. Pode-se na verdade afirmar, como o fazem alguns pesquisadores, que foi de certo modo o trabalho das empregadas domésticas, negras em sua maioria, que permitiu que intelectuais e militantes brancas ganhassem mais espaço social para mulheres de classe média e alta, sem que aquelas obtivessem uma contrapartida justa para sua colaboração essencial, ainda que quase sempre compulsória. (SEMOG, NASCIMENTO, 2006, p 199 )

Muito tempo se passou desde que Abdias Nascimento proferiu esse discurso, porém, esse fosso entre mulheres brancas e negras e pardas ainda perdura, reforçado por uma política neoliberal perversa que menospreza e maltrata as supostas minorias (na verdade, maiorias) aviltam essas culturas não permitindo que as políticas públicas pensadas para as populações mais vulneráveis sejam implantadas de fato. Como afirma Stuart Ball:

Quero rejeitar completamente a ideia de que as políticas são implantadas. Eu não acredito que políticas sejam implantadas, pois isso sugere um processo linear pela qual se movimenta em direção à prática de maneira direta. Este é um uso descuidado e impensado do verbo. O processo de traduzir políticas em práticas é extremamente complexo; é uma alternância entre modalidades. A modalidade primária é textual, pois as políticas são escritas, enquanto a prática é ação, inclui o fazer coisas. (BALL apud MAINARDES; MENDONÇA, 2009, p. 305).

Em todo o período em que Abdias do nascimento esteve no senado, sempre deixou claro em seus discursos, proferidos na tribuna do Senado Federal, sua paixão, comprometimento e eloquência na defesa das causas da população afro-descendente:

Senhor Presidente, senhores senadores (...) Senhores e senhoras: sob a proteção de Olorum e de nossos Orixás, a esta tribuna não ascende, neste momento, apenas um senador do Partido Democrático Trabalhista, representante do estado do Rio de Janeiro (...) Fala aqui, Sr. Presidente, um sobrevivente do maior holocausto já vivido por um povo na História da Humanidade: mais de 200 milhões de assassinatos entre os portos de embarque na África, os porões dos navios negreiros, e as Américas. São 500 anos de escravidão no Brasil, escravidão que ainda perdura nas formas vergonhosas de opressão, da humilhação e da discriminação racial. Estão ouvindo, srs. Senadores, um filho desse povo heróico construtor de civilizações milenares, que veio acorrentado para as terras “recém-descobertas” das Américas. (SEMOG, NASCIMENTO, 2006, p. 184).

O autor das peças do TEN, vai deixar impregnado em seus textos, especialmente, em *Sortilégio II*, questões centrais para as políticas públicas promotoras da igualdade racial. É preciso que se diga que os temas do TEN valorizaram a cultura e a religião afro-brasileira, ao mesmo tempo em que questionavam a desvalorização da mulher negra. Questões centrais até hoje perseguidas pelas bandeiras de luta social e artística no Brasil. É certo, que o TEN mudou a cara do teatro nacional brasileiro e passou a influenciar valores estéticos e culturais, até então desprezados pela dramaturgia brasileira.

#### **4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O TEN e Abdias do Nascimento representaram um marco na luta contra a discriminação racial no país. O autor, ao criar o TEN, tinha como intuito estabelecer o teatro, como espelho da problemática do negro no Brasil, como um espaço capaz de se constituir em um fórum de ideias, debates, propostas e ação visando à transformação das estruturas de dominação, opressão e exploração raciais implícitas na sociedade brasileira, ou seja, combater o racismo institucional presente nos campos da cultura, da educação, da política, dos meios de comunicação, e assim por diante. Um teatro que ajudasse a instituir uma sociedade plural, mais justa e democrática, onde todas as etnias e culturas fossem respeitadas em suas diferenças, mas, iguais em direitos e oportunidades. Pois como afirma Sodré:

Na realidade, todo processo cultural (e não apenas o nosso ocidental) é plural – ademais, não há sistemas absolutamente simbólicos é sempre a heterogeneidade de jogos diferentes, de lutas de aproximações, de ambivalências presentes na lógica constitutiva de todo grupo. Essa pluralidade pode não se achar manifesta no nível das relações cotidianas, mas estará presente no discurso mítico da comunidade ou nas esferas do segredo (SODRÉ, 2005, p.55).

A importância de se levantar este debate sobre o Teatro Experimental do Negro, na década de 1940, é devido a sua abrangência e o seu teor nas discussões em torno do negro, da pluralidade cultural, e das políticas públicas raciais, que ainda hoje, apesar de terem sido promulgadas, não estão consolidadas e materializadas nas diferentes instituições sociais a que se destinam. Aqui, basta ver a própria Lei 10.636/2003 e, posteriormente, a Lei 11645 de 2008. As duas afetaram diretamente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), ao tornarem obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena em todas as escolas brasileiras do Ensino Fundamental e Médio, independente de serem públicas e privadas.

Entretanto, sabemos que não bastam apenas leis para assegurar que práticas antirracistas possam ser efetivamente desenvolvidas nas instituições sociais, pois, enquanto arenas de luta, as instituições sociais disputam significados sociais, políticos, culturais e econômicos, na medida em que nada está determinado, fechado, estabelecido. Por efeito, os sujeitos tanto podem

desenvolver processos criativos que ampliem o leque democrático e inclusivo das diferenças raciais quanto reinterpretarem de formas bastante diferentes e distanciadas do que está proposto nos textos formais e reforçarem, a partir de diferentes estratégias, o racismo a que os dispositivos legais se propõem a combater. (MAGUIRE; BALL; BRAUN, 2012).

Retornando ao grupo TEN, a ideia era a de trazer as discussões raciais para a população, no entanto, foi arduamente criticado e acusado de produzir perturbação social, bem como, de estar instituindo um problema racial que no Brasil não existia, discursos defendidos tanto pelas autoridades políticas quanto pela imprensa e por parte da população (leia-se a elite brasileira). O grupo teatral se propôs, então, a combater esse racismo velado existente no Brasil e que se revela tão ostensivo, porém dissimulado, não só na dramaturgia, mas na sociedade de forma em geral. O TEN se desdobrava em várias frentes: tanto denunciava as formas de racismo como resistia à opressão cultural da branquidão. Procurou instalar mecanismos para que os negros superassem o complexo de inferioridade – a exemplo do concurso da boneca de piche que elegeu a negra mais bonita, o concurso de artes plásticas: O Cristo Negro, além, das atividades teatrais e dos congressos. Deve-se destacar, em especial, duas iniciativas do TEN. Em primeiro lugar, antes mesmo de estabelecidas as bases para seu teatro, foi promovido o ‘Curso de Alfabetização e Iniciação Cultural’ (de outubro de 1944 a meados de 1946), dirigido pelo professor negro Ironides Rodrigues. Esse curso não era exclusivo para negros, sendo que, seu público foi composto principalmente por mulheres que trabalhavam como empregadas domésticas.

Desde que Abdias do Nascimento criou o Teatro Experimental do Negro o TEN, algumas das reivindicações do TEN entraram para pauta de solicitação de políticas públicas que atendessem as necessidades do povo negro, porém o racismo institucional ainda persiste ainda que, por vezes, dissimulado pelo mito da democracia racial e outras estratégias políticas que tentam camuflar o racismo brasileiro. Nesse sentido, recorrendo uma vez mais a Stephen Ball (2014), não há dúvidas que no jogo de interesses entre o estado e o capital, os interesses das classes economicamente menos favorecidas ficam em segundo plano em detrimento dos interesses do mercado, fragilizando assim o processo democrático (BALL, 2014). Nesse sentido tentando compreender as políticas públicas para as questões raciais e culturais percebemos as conseqüências do fenômeno da globalização, a grande rede que intercomunica todos os seres, as comunidades, os países, as economias e o impacto que esses fenômenos têm na formação da identidade cultural dos povos negros. Nas palavras de Stuart Hall:

No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a identidade, ficam reduzidas a uma espécie de língua franca internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. (HALL, 2005, p.75-76)

Para fechar o texto, porém, não encerrar esse debate, ressaltamos que as demandas por inserção da temática racial na agenda das políticas públicas de âmbito federal, bem como respostas pontuais a estas demandas, não são recentes, embora seja possível captar alguns avanços. Estudiosos das questões sociais e dos movimentos sociais são unânimes em apontar a Constituição de 1988 como um marco importante para as mudanças sociais ocorridas no país. No que se refere à temática racial, a nova Constituição introduziu a criminalização do racismo (posteriormente, definiu os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor com a Lei 7716/1989), o reconhecimento ao direito de posse da terra às comunidades quilombolas e a criação da Fundação Cultural Palmares. Tais ações podem ser interpretadas como uma resposta às reivindicações do Movimento Negro e se caracterizam por uma forma de reconhecimento a todo o esforço que Abdias do Nascimento empreendeu na luta contra a discriminação racial criando o TEN e todas as outras frentes de resistências que foram empreendidas.

Dessa forma, o TEN fez com que velhos conceitos e velhas atitudes fossem repensados nesse período pós-abolição para que uma verdadeira “libertação” da comunidade afro-brasileira fosse possível. Nesse sentido o TEN ainda hoje é bem atual e sempre surge como um farol para iluminar a luta do povo negro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALL, Stephen J. Redes, neoliberalismo e mobilidade de políticas. In: **Educação global S.A.:** novas redes políticas e o imaginário neoliberal. Ponta Grossa, Brasil: UEPG, 2014.

BALL, S. J.; MAGUIRE, M.; BRAUN, A. **Como as escolas fazem as políticas:** atuação em escolas secundárias. Ponta Grossa: UEPG, 2016.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988.** Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: janeiro de 2017.

BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, 2008.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, 2003.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

DOUXAMI, Christine. **Teatro negro:** a realidade de um sonho sem sono. *Afro-Ásia*, 25-26, Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976), (trad. de Maria Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. T. T. da Silva e G. L. Louro. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2005.

IPEAFRO, **Teatro Experimental do Negro**. Origem – nenhum auxílio do governo – O’Neil para os negros, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1946.

MAINARDES, Jefferson, MARCONDES, Maria Inês, **Entrevista com Stephen J. Ball**: um diálogo sobre justiça social, pesquisa e política educacional. *Educação & Sociedade* [en línea] 2009, 30 (Enero-Abril) : [Fecha de consulta: 22 de septiembre de 2018] Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87313703015>> Acesso: abril de 2018.

MAINARDES, J.; MARCONDES, M. Entrevista com Stephen Ball: um diálogo sobre justiça social, pesquisa e política educacional. **Educação e Sociedade**, Campinas: CEDES, v. 30, n. 106, p. 303-318, jan./abr. 2009.

MENDES, Miriam Garcia. **O personagem negro no teatro brasileiro**. São Paulo, Ática, 1982.

SEMOG, Éle, NASCIMENTO, Abdias. **Abdias do Nascimento**: o griot e as muralhas. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A Introdução Crítica a Sociologia Brasileira**. Rio de Janeiro. Andes. 1957.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A Redução Sociológica**: Introdução ao estudo da razão sociológica. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 1965.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. S. Paulo: DP&A, 2005

SODRÉ, Muniz. **A comunicação do grotesco** - Um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.